



Eicher: "A EMB precisa abrir para o popular"

Perigo! Escola de Música pode virar escola de samba



Mais de 3 mil alunos formam a comunidade

Numa vasta área, onde estão distribuídas 67 salas de aula, fica um dos mais ativos centros de cultura da cidade

IRLAM ROCHA LIMA
Da Editoria de Cultura

Em 1963, na Coordenação de Música da Fundação Educacional do Distrito Federal, que funcionava no Centro Educacional Elefante Branco, surgiu o núcleo inicial da Escola de Música de Brasília, que posteriormente viria a desenvolver suas atividades na Igreja Presbiteriana e na Escola Normal, ambas na W5 Sul, até instalar-se, definitivamente, em sua sede própria, localizada na L2 Sul, Quadra 602, Módulo D.

A inauguração da sede da Escola de Música se deu em março de 1973, época em que a Secretaria de Educação e Cultura tinha como titular Júlio Castilhos Cachapuz de Medeiros. Mas a evolução da escola se ve-

LUIS MARQUES



Na Escola de Música uma perspectiva de nova abertura com a nova direção

rificou a partir da administração do Embaixador Wladimir Murtinho à frente da SEC.

Fundador e grande incentivador da EMB, o maestro Levino Alcântara está desde o início no comando daquele centro de ensino.

Em sua vasta área estão instaladas, além das 67 salas de aula, quatro salas para a administração, salas para instrumentoteca, musicoteca, discoteca — com seis cabines — máquinas, de redação e planejamento, além do auditório, também conhecido como Sala de Concertos, com capacidade para mais de 600 pessoas, sendo 482 sentadas. Anexo ao auditório — que possui um amplo saguão — ficam duas salas de ba-

No momento a EMB conta com, aproximadamente, três

mil alunos, divididos em três turmas, matriculados nos seguintes cursos: Musicalização, para crianças a partir de 4 anos de idade; Crescendo com a Música, correspondente ao 1º grau; e Profissionalizante, que forma técnico em instrumento e técnico em canto, com quatro anos letivos cada um. Além desses (com turmas distribuídas pela manhã e à tarde), funciona o Curso Supletivo, que tem como característica principal a da J. Cultura Musical e é desenvolvido, também, em quatro anos. Além disso, a escola oferece aos alunos, como atividade extracurricular, a prática em conjuntos de jazz, regional, música antiga, música eletroacústica, ópera, cravo e banda de música, contando para isso com 120 professores.

Desativados atualmente, ou-

trora eram muito difundidos e frequentados, os Concertos para a Juventude, que grupos da Escola de Música realizavam, quase sempre nas salas do Teatro Nacional, com entrada franqueada ao público.

Por último, além da atividade curricular regular, a EMB vem promovendo o Curso Internacional de Verão de Brasília, que tem como objetivo, segundo o maestro Levino Alcântara, possibilitar a jovens estudantes do Brasil e de outros países, o convívio com mestres brasileiros e estrangeiros durante todo o mês de janeiro. No curso, ainda de acordo com o diretor da Escola de Música, os alunos têm contatos com novas experiências, participando de atividades relacionadas com música de câmara, orquestra sinfônica, banda de música, ou como solista ou regente.

A Escola de Música de Brasília, há mais de 20 anos sob o comando do maestro Levino Alcântara, passará, nos próximos dias, a ter um novo diretor. Trata-se do jovem Carlos Galvão, carioca, 39 anos, ex-aluno da Universidade de Brasília e professor vinculado à Fundação Educacional do Distrito Federal, com doutorado em Composição Avançada, em

Londres.

O ato administrativo de nomeação de Galvão não foi ainda assinado, mas, ontem, o diretor-executivo da Fundação Educacional do Distrito Federal, Fábio Bruno confirmou a escolha de Galvão. "O Carlos foi um aluno brilhante, é professor do quadro da Fundação Educacional que agora retorna para dar sua colaboração".

Para a indicação de Carlos Galvão houve consenso da parte dos representantes dos vários órgãos da SEC e de outras entidades ligadas à música e à cultura no Distrito Federal, segundo o assessor de Música da Fundação Cultural do DF, Edgar Eichler.

"Houve toda uma manifestação de pessoas ligadas à arte, à cultura, à música em Brasília, no sentido de se encontrar nomes que viessem a formar na nova administração da Secretaria de Educação e Cultura. Para a Escola de Música a solução que encontramos foi a de Carlos Galvão, uma solução de consenso. Conheço o Carlinhos desde 1972. É uma pessoa que se formou na Universidade de Brasília, na época em que o Departamento de Música da UnB tinha uma excelente equipe de professores e coordenadores. Ele teve uma base muito grande, como músico, tanto popular como erudito. Com toda essa formação ele saiu daqui e passou seis meses com os índios tchukarramães e lá galga o posto mais alto da tribo como músico. Depois disso foi fazer estudo de Etnomusicologia no México e mais recentemente fez doutorado em Londres, na área de Composição Avançada", conta Eichler.

Carlos Galvão, ultimamente, vinha coordenando o curso de Música do Departamento de Artes da Universidade da Paraíba, embora continuasse mantendo vínculo com a Fundação Educacional do Distrito Federal. No entender do assessor de música da FCDF, Galvão possui condições indispensáveis para dirigir a Escola de Música, "porque tem uma visão ampla para entender o macro da estrutura da EMB, ele que foi um dos seus fundadores. Junto com a Fundação Educacional, Fundação Cultural e a Universidade de Brasília, com toda cer-

teza vai se projetar mais ainda, no âmbito local e nacional".

Eichler, embora elogie a estrutura da Escola de Música, acha que aquela lidade da SEC desviou um pouco dos seus princípios, em função do gigantismo. "Não quero condenar, em absoluto, o trabalho do Levino Alcântara. Acredito que o trabalho feito por ele à frente da escola foi muito interessante, ao longo desses 20 anos. Ali ele jogou muito de sua energia, de sua vida mesmo. Mas, agora, como já está próximo de se aposentar, a nova administração da Secretaria de Educação decidiu pela sua substituição".

Uma outra crítica que Eichler faz em relação ao funcionamento da Escola de Música, atualmente, é a que diz respeito à sua estrutura curricular, voltada apenas para a formação do músico erudito. "A EMB precisa abrir para o popular. Nós temos muitos pianistas, muitos especialistas e virtuosos em instrumentos, que, de repente, terminam o curso e ficam dependendo de uma pauta num teatro, para fazer um recital e ganhar cachê mínimo. Esse músico tem que ir à luta, precisa batalhar, tocar na noite, mas sem a formação popular ele acaba não conseguindo".

Falando como assessor da FCDF, Eichler afirma que uma das preocupações da entidade é a abertura de novas salas de espetáculos, estando incluída aí a Sala de Concertos da Escola de Música. "A Fundação Cultural preocupa-se com a falta de espaços para a utilização pelos artistas, uma vez que a agenda da Villa-Lobos, da Martins Penna e da Escola-Parque está lotada. Vamos passar a utilizar os teatros de Taguatinga, Gama e Sobradinho e a Sala de Concertos da Escola de Música deve, também, ser aberta ao público, passando a ser outra boa opção, como, inclusive, era há alguns

anos". Quanto ao gigantismo na Escola de Música, a que se referiu anteriormente, Edgar Eichler aponta, como exemplo, o que ocorre com o Curso Internacional de Verão, realizado sempre nos meses de janeiro e fevereiro. "O Curso Internacional de Verão necessita de uma reciclagem. Repece de gigantismo, cresce muito e não consegue dar uma visão ampla do que as pessoas necessitam. Para ministrar aulas no curso têm vindo bons professores, mas há muitos, com especialidades mínimas que não conseguem passar uma visão mais ampla da proposta do curso. Acho que é hora de aproveitar os professores existentes na comunidade, profissionais aqui de Brasília, pra depois partir para o Centro-Oeste e em seguida pensar a nível nacional e internacional. De uma reformulada na estrutura do Curso Internacional de Verão é um dos pontos básicos que tem a Fundação Cultural em relação à Escola de Música. Nos preocupamos mais com o número de alunos necessitados de maior formação e informação do que com especialidade. O músico popular, voltamos a dizer, precisa de uma formação e cabe à EMB lhe dar isso".

No que se refere à parte operacional da escola, Eichler prefere que se procete antes um levantamento, para depois se posicionar. "Tenho certeza que ao se fazer um levantamento, vai ser encontrada muita gente boa dentro da Escola de Música, mal aproveitada.

Mas para chegarmos ao que pretendemos, vamos precisar da colaboração de todo mundo. Essas reuniões que vamos realizar estarão abertas a todos. É preciso que a comunidade de música na cidade saiba o que a escola está fazendo e o que ela pode fazer por ela.